

EU, TU, ELES: POLÍTICA, PASSADO E PROJETO NAS REPRESENTAÇÕES DE
JOVENS SUL-AMERICANOS

I, YOU, THEM: POLITIC, PAST AND PROJECT IN THE SOUTH AMERICAN
YOUTH REPRESENTATIONS

MOLAR, Jonathan de Oliveira

jonathanmolar@hotmail.com

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

CERRI, Luís Fernando

lfcferri@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

RESUMO O presente artigo visa discutir aspectos identitários e sociais que envolvem noções de consciência histórica e de cultura política associadas às representações de passado, presente e futuro de alunos de quinze anos do Brasil, da Argentina e do Uruguai respectivamente sobre seus países. Teoricamente, esse estudo se apoia nas noções de consciência histórica, identidade e cultura política. Para tanto, pauta-se em referenciais, tais como: Jörn Rüsen (2001), Bauman (2005), Stuart Hall (1999), Julian Borba (2005), entre outros. Os citados conceitos fornecem o embasamento para a análise dos dados sobre a temática pesquisada. A visão dos alunos está permeada por aspectos que são discutidos na arena teórica e que subsidiam os possíveis apontamentos dos participantes. Quanto à metodologia da pesquisa, utilizou-se instrumentalmente questionário, isto é, 40 questões direcionadas aos alunos do Brasil, Argentina e Uruguai, selecionando-se algumas situações em que os mesmos abordaram assuntos ligados aos liames do presente recorte temático-teórico, visando uma análise quantitativa comparativa. Os resultados apontam para distintas visões tanto na ideia de temporalidade quanto de espacialidade, pois as rupturas e permanências políticas, econômicas e culturais atreladas às vivências cotidianas desses jovens inferem nos apontamentos de modo variável, ainda mais quando se dialoga com a ideia de cultura política.

PALAVRAS-CHAVE: consciência histórica, cultura política, alteridade.

ABSTRACT This article aims to discuss identity and social aspects that involve notions of historical consciousness and political culture associated to representations of past, present and future of students from fifteen years of Brazil, Argentina and

Uruguay respectively on their countries. Theoretically, this study is based on the notions of historical consciousness, identity and political culture. To this end, it is guided in benchmarks, such as: Jörn Rüsen (2001), Bauman (2005), Stuart Hall (1999), Julian Borba (2005), among others. These concepts provide the basis for the analysis of data on the subject researched. The students' vision is permeated by aspects which are discussed in the theoretical arena and that subsidize the possible notes of participants. Methodology, questionnaire was used instrumentally, that is, 40 questions directed to students from Brazil, Argentina and Uruguay, selecting some situations in which they discussed issues related to the confines of this theme-theoretical, clipping a comparative quantitative analysis. The results point to distinct visions so much on the idea of temporality and spatiality, because the ruptures and political, economic and cultural stays linked to everyday experiences of these young people infer notes so variable, even more when he converses with the idea of political culture.

KEYWORDS: historical consciousness, political culture, otherness.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discutir aspectos identitários e sociais que envolvem noções de consciência histórica e de cultura política associadas às representações de passado, presente e futuro de alunos de quinze anos do Brasil, da Argentina e do Uruguai sobre seus países¹. Isto é, como esses alunos concebem e idealizam o conjunto de representações que vai desde os fatos que se deram no passado até as projeções de futuro para 40 anos, seja na esfera da comunidade (país) ou em âmbito pessoal.

Discutem-se quatro questões nesse estudo, as quais versam sobre o entendimento e anseio desses alunos da rede escolar sobre a noção histórico-temporal: o passado, o presente e o futuro. Em outras palavras, analisa-se, em primeiro lugar, como os participantes acreditam que era a vida em seu país há 40 anos, que coincide com a década de 1960, marcada por conflitos políticos ditatoriais ou pré-ditatoriais na maioria das nações sul-americanas; em segundo lugar, como os estudantes projetam os rumos pessoais e os rumos do país nos próximos 40 anos. A seguir, estuda-se como interpretam o cotidiano contemporâneo e, por fim, uma

¹ Essa pesquisa está inserida em um contexto mais amplo, pois faz parte de um projeto de pesquisa denominado "Jovens diante da História". Em sua fase piloto - da qual resultam os dados aqui analisados - buscou inspiração em uma experiência de pesquisadores europeus denominada de "Youth and History", de 1994, cujos detalhamentos serão dados no curso do texto.

tabela específica sobre a participação política dos jovens estudantes averiguando paralelamente tanto a questão temporal quanto a ideia de cultura política, noções essas que são centrais para a pesquisa.

Como instrumento para a obtenção dos dados empíricos foram utilizados questionários fechados que envolviam mais de 40 questões. O instrumento foi aplicado a alunos com 15 anos de idade. Foi feito um recorte temático do referido instrumento e foram selecionadas questões que abarcavam as noções de temporalidade e a relação entre seus encaixes e desencaixes históricos.

É necessário considerar as problematizações em função do conceito de consciência histórica. Embora o uso do termo tenha se generalizado nos meios da pesquisa em ensino de história, da formação de professores e das políticas públicas para o ensino de história, consciência histórica não tem uma definição unívoca. Cardoso (2008), por exemplo, lista quatro sentidos possíveis para o tema na literatura especializada. Assumimos que consciência histórica é o tempo significado, isto é, a consciência histórica e a orientação temporal que ela produz tornam-se fenômenos dotados de historicidade, de tal modo que não há como viver de forma atemporal, deslocado da tríade passado, presente e futuro (CERRI, 2001).

Dessa forma, compreende-se a noção de História em seu sentido amplo, concebendo-a como uma narrativa histórica no tempo, no qual se formam e ressignificam as identidades pessoais e coletivas. Destarte, a consciência histórica, para Rüsen (2001), compõe-se das operações mentais por meio das quais os homens interpretam as suas experiências na temporalidade e orientam intencionalmente sua vida prática no tempo. Em sentido próximo, categorizam Angvik e Borries (1997, p. 403): “é o grau de consciência da relação entre o passado, o presente e o futuro”.

A consciência histórica possibilita a um indivíduo ou grupo, a partir do passado, do presente e do futuro, elaborar representações plurais, orientações que estão intrinsecamente relacionadas às identidades, cuja dinâmica pode ocultar e desvelar aspectos e fenômenos de acordo com a vontade do grupo e na interação com seus pares, oscilando no tempo e no espaço.

Valendo-se da noção de consciência histórica estabelecida no diálogo entre teóricos como Rusen, Heller, Angvik, Borries, entre outros, é que se tem uma gama

maior de possibilidades e de rumos para elaborar pesquisas que comportem análises mais amplas e comparativas de dados que não se restrinjam a um grupo ou a um país; em outros termos, estudos interculturais, assim como se propõe aqui.

A pesquisa sobre consciência histórica está intimamente ligada às preocupações quanto às atitudes políticas dos respondentes, cidadãos plenos ou em via de chegarem a essa condição ao completar a maioria legal. Em muitos casos, os alunos respondentes estão prestes a realizar sua primeira participação política como eleitores, uma vez que no Brasil o direito ao voto já está disponível (embora ainda não obrigatório) aos 16 anos de idade.

Para enfrentar esse aspecto da questão geral, utilizamos o conceito de cultura política, que “refere-se às orientações especificamente políticas, às atitudes com respeito ao sistema político, suas diversas partes e o papel dos cidadãos na vida pública”, segundo Almond e Verba (apud BORBA, 2005, p. 148). De acordo com o cientista político José Álvaro Moisés, há um consenso quanto a esse conceito que envolve “a generalização de um conjunto de valores, orientações e atitudes políticas entre os diferentes segmentos em que se divide o mercado político e resulta tanto dos processos de socialização, como da experiência política concreta dos membros da comunidade política (MOISÉS, 1992, p. 7).

Desse modo, no projeto “Jovens diante da História”, buscam-se as articulações entre a cultura histórica - conceito que delineia “um conjunto de fenômenos histórico-culturais representativos do modo como uma sociedade ou determinados grupos lidam com a temporalidade (passado-presente-futuro) ou promovem usos do passado” (ABREU et al., 2007, p. 15) - e cultura política. Para Flores (2007), a noção de “cultura histórica” explicita a perspectiva de articulação entre processos históricos em si e os processos de produção, transmissão e recepção do conhecimento histórico, o que é perfeitamente compatível com os objetivos que se estabeleceu para a investigação.

2 METODOLOGIA, INSPIRAÇÃO E HISTÓRICO

O projeto “Jovens brasileiros e argentinos diante da história” (primeiro título do mesmo, antes da incorporação de dados do Uruguai) foi inspirado basicamente no

projeto “*Youth and History*”, desenvolvido nos países europeus a partir de 1994, com base na rede *European Standing Conference of History Teachers Associations* (*Euroclio*).

Esse projeto procurou dar respostas às questões sobre a qualidade, as características e os resultados do ensino de História, bem como sobre a configuração geral da consciência histórica e atitudes políticas dos jovens europeus, por meio de um levantamento comparativo de amplo alcance, através de um questionário fechado respondido por jovens de 15 anos, versando sobre conteúdos, métodos e concepções de História e de cidadania, sustentados pelo conceito de consciência histórica. A pesquisa constituiu-se da elaboração, aplicação e tabulação definidas após várias reuniões entre as dezenas de pesquisadores de toda a Europa, liderados por Magne Angvik e Bodo Von Borries ².

As adaptações para um projeto latino-americano referente à juventude e sua consciência histórica, que é o objetivo final da pesquisa que se está relatando aqui, envolveram, além da retradução a partir do português de Portugal, a adaptação cultural dos questionários, por meio de exclusão de algumas questões, inserção de outras e adaptação de outras ainda. Foi incluída uma série de questões pertinentes para o contexto sul-americano e não contempladas satisfatoriamente no questionário europeu: os heróis nacionais, as ditaduras militares, o papel das mulheres, entre outras. Os questionários incluem temas sobre os quais os respondentes manifestam-se marcando o nível de sua concordância com as afirmativas através da escala de Likert ³. Foram computados 1473 questionários de alunos, sendo 744 do Brasil, 535 da Argentina e 194 do Uruguai ⁴.

2 Há uma descrição sumária do projeto e seus resultados em <http://www.erzwiss.uni-hamburg.de/Projekte/Youth_and_History/homepage.html>. No Brasil, Schmidt e Garcia aplicam o conceito de consciência histórica em experiências de sala de aula com base em materiais de acervo familiar em escolas de Curitiba e região metropolitana. Outro estudo é a dissertação de mestrado de Maria Rosa Chaves Künzle, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná em 2003, intitulada “O ensino de história e o conceito de nação: um instrumento de pesquisa”.

3 A escala de Likert ou escala de atitudes é “uma maneira de medir como as pessoas veem alguma coisa, seja um grupo de pessoas, uma questão social ou uma experiência de vida (...) os pesquisadores elaboram uma escala fazendo aos respondentes certo número de perguntas, todas elas relacionadas com a questão em pauta e que os convida a concordar ou discordar de declarações (...)” JOHNSON, A. *Dicionário de Sociologia*, 1997, p. 87. No caso em questão elaboramos cinco níveis de concordância variando de péssimo a ótimo, discordo totalmente a concordo totalmente e assim por diante, a partir da qual se atribui valores numéricos a cada resposta (de -2 para a resposta mais negativa, passando por zero para as respostas neutras e 2 para a resposta mais positiva),

3 NAÇÃO E IDENTIDADE: COMPLEXIDADES NEOLIBERAIS

As noções de identidade/nação e modernidade/ pós modernidade subsidiam e estão na base de muitas das questões apresentadas aos participantes. A partir das discussões empreendidas neste tópico e associando-as ao debate já realizado sobre consciência histórica e a temporalidade, explicitam-se os momentos de choque e de rearranjo nas sociedades latino-americanas, cujas permanências e rupturas foram colocadas em pauta aos alunos de 15 anos.

Nesse sentido, o entendimento moderno do conceito de nação advém da formação dos Estados Nacionais europeus a partir do século XV. Contudo, a ideia de que a nação é a união entre o ideal de soberania, povo e território construiu-se, com o passar dos séculos, em conjunto com as transformações operadas no seio da sociedade do “Velho Continente”, intensificando-se com a política do Estado- Nação (de homogeneização cultural e fortalecimento das fronteiras territoriais e identitárias). Em contrapartida e contemporaneamente, uma nação surge alheia à vontade de um governante, concepção que não seria viável no século XV, afinal, para a construção nacional há uma série de fatores que sustentam sua fundação e, principalmente, manutenção (IANNI, 1999). Nesse sentido, as questões étnicas, religiosas ou linguísticas são fatores relevantes, mas não suficientes para a formação de uma nação, já que também depende de sua representação nas três temporalidades, isto é, passado, presente e futuro.

sendo que o tratamento é a produção de médias que permitem aferir a concordância média com cada afirmação, e a definição de desvio padrão, que permite conhecer a média da variação das respostas. As questões para os alunos envolvem opiniões sobre o significado da história, a importância de seus objetivos, formas de história que mais agradam e em quais mais se confia, importância de religião e política, as práticas de sala de aula, conhecimentos de cronologia sobre processos históricos, interesse em períodos e temas de história, noção de passado e projeções para o futuro (pessoal e coletivo), tópicos importantes do conteúdo escolar da história (Idade Média, Colonização, Revolução Industrial, Adolf Hitler), grau de importância de elementos da vida pessoal e coletiva, sentido da História, interpretação da riqueza e pobreza, compreensão da historicidade, definições de nação, solidariedade social, próceres, MERCOSUL, democracia, papel da mulher, governos militares e posicionamento quanto a temas polêmicos contemporâneos.

4 As cidades envolvidas incluem Ponta Grossa, Curitiba, Londrina, Cornélio Procópio, Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Francisco Beltrão (todas no Paraná), La Plata, Santa Fe, Malvinas Argentinas, San Miguel, e José C. Paz (na província de Buenos Aires, Argentina), Montevideu, Solymar e Florida (no Uruguai). Em todas as cidades foram selecionadas cinco escolas (quando havia todas as categorias): três públicas (central, de periferia, de excelência) e privada (confessional e laica). Não se trata de amostras estatísticas, mas de um ensaio de aplicação do instrumento. As conclusões, portanto, não são dadas em termos de representatividade nacional, mas de indícios para a continuidade da investigação e da reflexão, o que não torna os resultados menos significativos.

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998), as nações em seu sentido moderno diferem em extensão, número e natureza, seja como Estado, seja como conjunto de pessoas que aspiram à sua formação. Apesar disso, as nações procuram oferecer vínculos com a tradição e as perspectivas vindouras, conforme explicita o hino esparciata: “Nós somos o que vocês foram; nós seremos o que vocês são” (RENAN, 1882, p.1). Contudo, a ordem neoliberal global lança uma nuvem nebulosa sobre as fronteiras das nações e ao entendimento dos seus componentes básicos, dificultando, assim, a orientação temporal, função da consciência histórica.

Agregado à ideia de nação encontra-se o conceito de identidade, que representa o fenômeno pelo qual o indivíduo se localiza em um sistema social e é localizado por este; e, mais amplamente, pode realizar a identificação de uma comunidade. A noção de identidade há muito vem se modificando. Atualmente, tem-se o que Stuart Hall (HALL, 1999, p. 9) chama de a “crise da identidade”, ou seja, um processo amplificado de modificações, em que as estruturas e processos centrais são deslocados, abalando os quadros que forneciam uma referência estável aos indivíduos no mundo social.

Ao mesmo tempo em que na contemporaneidade surgem problemas estruturais globais e locais, também há a inserção de conceitos que visam minimizar o choque entre culturas, grupos etc., dentre eles o princípio da alteridade. Esse conceito consiste na relação conectada entre unidade/multiplicidade, sem que se exclua um dos polos. O reconhecimento da alteridade, das características do outro (social, étnica, política, religiosa e afins), implica um sistema para a compreensão de sujeitos dissonantes, provocando a consolidação do diálogo. Conforme Sidekum: “(...) Dever-se-iam priorizar os valores como a paz, a democracia, a liberdade e o respeito ao direito da autonomia e à diferença (...) As principais ênfases serão dadas, hoje, ao fenômeno do multiculturalismo como o grande exercício da democracia (...)” (SIDEKUM, 2002, p. 79).

O debate teórico sobre alteridade e nação/identidade reflete no teor das questões aqui levantadas na pesquisa e, mais ainda, nas respostas dos alunos latino-americanos. Dessa forma, as representações talhadas por esses alunos estão inseridas e trafegam de modo cambiante no espaço temporal, logo, a ideia de “eu” e

“nós” e a caracterização do passado, presente e futuro de seus respectivos países se fazem núcleo central dos questionários.

Ainda nessa direção, a partir do prisma multicultural cria-se um modo *sui generis* de reflexão sobre a sociedade e suas relações arteriais, isto é, as formas de consciência de si e da época em que se vive, desvelando não só o conflito, mas também as zonas de “encaixe”. Com a modernidade ou como queira Bauman, pós-modernidade (BAUMAN, 2005), intensificou-se na sociedade a multiplicidade identitária de grupos cada vez mais específicos e ausentes de um porto seguro. O hibridismo transcende e desestabiliza alguns aspectos sobre o ideal de nação, todavia, acaba por fortalecer outros laços, ainda que cambiantes (HUNTINGTON, 1997).

4 VISÕES DE PASSADO, PRESENTE E FUTURO DE ALUNOS BRASILEIROS, ARGENTINOS E URUGUAIOS: DO HISTÓRICO AO SOCIAL

No conjunto de questões envolvidas na pesquisa aqui relatada, pretende-se investigar a noção entre passado/presente e futuro dos alunos participantes e, assim, a visão que eles têm sobre seus países dentro dessas três temporalidades propostas. Além disso, analisa-se, também, a noção que os participantes apresentam entre o “eu e o nós”, ou seja, a ponte entre a unicidade e a comunidade e o modo com que se opera essa relação (RUSEN, 2001). Mais que um estudo sobre o ensino da História, configura-se como uma abordagem histórico-social, permeada por campos como política, cultura, entre outros.

Assim, seguem duas questões que são analisadas de forma conjugada, pois expressam as noções de passado e futuro dos alunos e apresentam as mesmas alternativas, apenas variando quanto à direção do tempo, passado ou futuro. Na escala utilizada⁵, a resposta “Discordo totalmente” foi computada como -2 e assim sucessivamente até “Concordo totalmente”, computada como 2.

⁵ Os autores elaboraram uma escala de atitudes para que os respondentes pudessem escolher e nós convertimos essas posições para uma escala numérica, de modo a poder fazer cálculos de estatística descritiva. As demarcações numéricas, tais como: -2, 2, 0 etc. são representação que correspondem a uma posição na escala, ou seja, discordo totalmente, nunca, entre outras possibilidades.

Um primeiro olhar sobre essas tabelas aponta que a alternativa “talvez” (correspondente a zero na escala) predominou nas respostas, com a seguinte intensidade: 14 das 21 na pergunta referente ao passado e 13 das 21 na pergunta referente ao futuro. A predominância, na maioria dos casos, de uma resposta neutra, pode ser um indício de carência de saber histórico a basear respostas com maior asserto ou negação. As exceções que fogem a essa regra são as respostas que estimam os conflitos entre ricos e pobres (mais importantes na Argentina e Brasil) e os problemas políticos (importantes nos três países). Tais dados estão vinculados à percepção dos conflitos que envolvem os governos ditatoriais e aos problemas econômicos e sociais de seus países, e essa percepção passa por uma leitura da história construída de múltiplas fontes, em especial a partir das marcas que esses processos deixaram na vida de seus familiares e da sociedade.

Quadro 1. Como você pensa que era a vida no seu país há 40 anos?

País		Pacífica	Explorada por um país estrangeiro	Próspera e rica	Democrática	Poluída	Aagitada por problemas entre ricos e pobres	Aagitada por problemas políticos
Argentina	Válidos	521	520	522	512	514	525	524
	Número de casos Não-válidos	14	15	13	23	21	10	11
	Média	-,38	,06	-,39	-,13	-,03	,64	1,03
	Moda	0	0	-1	0	0	1	2
Brasil	Válidos	732	731	729	729	730	733	734
	Número de casos Não-válidos	12	13	15	15	14	11	10
	Média	-,13	,13	-,32	-,15	-,08	,46	,51
	Moda	0	0	0	0	0	1	1
Uruguai	Válidos	172	171	174	173	168	167	174
	Número de casos Não-válidos	22	23	20	21	26	27	20
	Média	-,31	-,13	-,51	-,14	-,18	,26	,89

Quadro 1. Como você pensa que era a vida no seu país há 40 anos?

País		Pacífica	Explorada por um país estrangeiro	Próspera e rica	Democrática	Poluída	Aagitada por problemas entre ricos e pobres	Aagitada por problemas políticos
Argentina	Válidos	521	520	522	512	514	525	524
	Número de casos Não-válidos	14	15	13	23	21	10	11
	Média	-,38	,06	-,39	-,13	-,03	,64	1,03
	Moda	0	0	-1	0	0	1	2
Brasil	Válidos	732	731	729	729	730	733	734
	Número de casos Não-válidos	12	13	15	15	14	11	10
	Média	-,13	,13	-,32	-,15	-,08	,46	,51
	Moda	0	0	0	0	0	1	1
Uruguai	Válidos	172	171	174	173	168	167	174
	Número de casos Não-válidos	22	23	20	21	26	27	20
	Média	-,31	-,13	-,51	-,14	-,18	,26	,89
	Moda	0	0	-1	0	0	0	2

Fonte: dados obtidos a partir do projeto Jovens Diante da História.

Quadro 2. Como você acha que será a vida no seu país daqui a 40 anos?

País		Pacífica	Explorada por um país estrangeiro	Próspera e rica	Democrática	Poluída	Aagitada por problemas entre ricos e pobres	Aagitada por problemas políticos
Argentina	Válidos	526	522	521	509	515	522	522
	Número de casos Não-válidos	9	13	14	26	20	13	13

	Média		-,56	,07	-,47	,35	,78	,85	1,02
	Moda		0	0	-1	0	2	2	2
Brasil	Válidos		734	727	727	727	726	727	733
	Número de casos Não-válidos		10	17	17	17	18	17	11
	Média		-,38	-,22	,12	,46	1,06	,80	,78
	Moda		0	0	0	0	2	2	1
Uruguai	Válidos		173	172	168	168	166	170	172
	Número de casos Não-válidos		21	22	26	26	28	24	22
	Média		-,21	-,28	-,26	,78	,63	,49	,50
	Moda		0	0	0	2	0	0	0

Fonte: dados obtidos a partir do projeto Jovens Diante da História.

Dentre as alternativas propostas na questão sobre o passado, a possibilidade de “um país próspero” e “pacífico” foi rechaçada, na média, pelos alunos respondentes. A ideia de “exploração ou subjugação” dos respectivos países não recebeu concordância expressiva dos pesquisados, desse modo, surpreendentemente o histórico colonial dos países americanos e, posteriormente dos processos de dependência, de devedores para com as grandes nações europeias e os EUA não recebeu grande importância. Nisso identificamos um exemplo da desarticulação entre o saber histórico disciplinar e a avaliação que os alunos fazem de fatores históricos na explicação do passado e futuro de seus países. Por outro lado, o futuro desses países latino-americanos, na visão dos alunos, estará permeado pelo regime democrático.

Na análise particular de cada país constatam-se peculiaridades, logo, algumas diferenciações sobre as noções gerais elencadas nas questões. No Brasil, nas questões voltadas ao passado, os alunos apresentaram os maiores índices quanto ao entendimento da realidade de exploração pelo qual o país passava, mesmo que ainda não seja um índice tão elevado. Para as expectativas futuras, percebe-se no caso brasileiro maior euforia econômica dos alunos em face dos

pressupostos de inserção de países emergentes na economia ou, melhor dizendo, na maior inserção desses países nas esferas centrais de poder, tal como a ONU. Tal postura, possivelmente, decorre dos resultados econômicos positivos e de certa estabilidade, por mais que seja indicador pouco sólido, que goza o país nos últimos anos. De acordo com dos Anjos e Farah Jr.:

A estabilização dos preços e modernização do parque produtivo, que se destaca nos anos de 1990, revela que, apesar de atrasadas frente aos movimentos internacionais, estão surgindo novas e distintas possibilidades de recuperação efetiva do crescimento econômico brasileiro, condição precípua para, dentro do contexto político atual, ocorrer a melhoria das condições sociais. (ANJOS; FARAH, 2001, p. 12).

Politicamente, os alunos brasileiros conceberam os anos 60 como um período de **“ausência da democracia”** (o maior índice nesse ponto da pesquisa), apontando afirmativamente **“as agitações políticas”** como fator preponderante; nesse sentido, apreende-se a falta de liberdade política, que, em alguns casos, é associada aos conflitos entre governantes e a sociedade civil.

Os participantes não veem o país em estado de pacificação, pois, mesmo com o elevado índice na alternativa que versava sobre a **“manutenção da democracia”** no futuro, o valor referente a **“agitação por conflitos políticos”** também é intensamente apontado. Deduz-se que o panorama para os alunos é de uma democracia instável, a qual contrasta com uma futura economia solidificada.

A questão da poluição como um problema nacional para o futuro recebeu no Brasil o maior índice entre os países pesquisados. Compreende-se que a própria noção de um país poluído está atrelada ao aceleração industrial e à aglomeração populacional em grandes metrópoles, engendrada pelas necessidades político-econômicas de uma atmosfera global e acelerada.

Na Argentina, os dados apontaram para uma direção distinta quando comparados ao Brasil, pois os alunos indicaram posições incisivas, as quais refletem os ciclos de crises econômicas e políticas da Argentina desde tempos da ditadura militar até os dias de hoje (RAPOPORT, 2007). Obviamente que a crise não acompanhou somente os argentinos, contudo, seus alunos demonstraram maior sensibilidade para identificá-la em suas imagens do passado nacional de 40 anos atrás.

As possibilidades referentes à “**prosperidade econômica e uma sociedade pacífica**” também foram rechaçadas na média pelos alunos argentinos. Os “**problemas entre ricos e pobres**” também receberam a atenção dos participantes argentinos, apresentando o maior índice de concordância com a afirmação. As manifestações populares por melhores condições de vida e a comoção geral causada pelas *abuelas* da praça de Maio durante a ditadura militar ressoam no imaginário dos jovens argentinos. Notadamente, não se pretende exaltar como algo supraterrâneo ou homérico, contudo, salta aos olhos o sentimento identitário dos argentinos quando as questões versam sobre problemas sociais, nesse sentido, “**as agitações e conflitos políticos**” também obtiveram dos alunos argentinos os maiores índices de todas as alternativas propostas nessa questão.

A crise dos últimos anos refletiu-se em pessimismo político/econômico por parte dos alunos, pois o panorama idealizado por eles não se caracteriza como animador quanto ao futuro da nação. Os dados revelam que os participantes acreditam na democracia (mesmo apresentando o menor índice entre os países pesquisados), em contrapartida, estimam um futuro de elevada agitação política e de exploração de seu país por um estrangeiro. Observa-se que para o futuro os argentinos consideram a possibilidade de subjugação do país pelas grandes potências. Possivelmente, a visão e o sentimento mais próximo das consequências do neoliberalismo em suas vidas contribuem para essa representação, distinta dos dados sobre o passado.

Dessa forma, e corroborando a análise geral, os participantes da amostra demonstraram tender a não acreditar em um futuro pacífico e de prosperidade econômica (os maiores índices entre os pesquisados); além disso, os vetores sobre os problemas entre ricos e pobres foram, também, os mais elevados. É nítido que os problemas contemporâneos da Argentina e os de um passado recente colaboram diretamente para essa perspectiva de um futuro desanimador. A visão sobre o todo, isto é, sobre o país “Argentina” é bem diferente da concepção dos brasileiros e mais próxima à concepção uruguaia.

Apesar de argentinos e uruguaios terem explicitado com maior ênfase a ponte legitimação/contestação se comparado aos brasileiros, faz-se importante destacar que esse reconhecimento não significa, automaticamente, incorporação de cultura

política enquanto engajamento, participação civil. Todavia, dão mostras de uma compreensão pautada em algo próximo à noção de cultura política desenvolvida por Moisés (1992) e Flores (1997).

Nas questões sociais e econômicas dos uruguaios há dados surpreendentes. A **“exploração de seu país por outras nações”** obteve a menor média entre os pesquisados; ainda nesse caminho, **“as agitações problemáticas entre pobres e ricos”** também obteve o menor índice de concordância. Em contrapartida, **“a falta de prosperidade econômica”** apresentou a maior taxa entre os países analisados.

Enfocando a perspectiva futura, os uruguaios não apresentam números tão elevados quanto aos da Argentina, mas mantêm a tendência de um futuro pouco próspero. Apesar de obter o maior índice na alternativa que afirmava que o futuro do país será pautado pelo regime democrático, os valores referentes sobre o Uruguai se tornar uma nação pacífica internamente e próspera economicamente apresentaram médias negativas. Os uruguaios apresentaram, também, a maior discordância sobre sua nação ser explorada por outras, explicitando, assim, o desejo de autonomia política que se manifesta ao articular (função da consciência histórica) passado, presente e futuro. Todavia, essa autonomia, em alguns momentos, faz-se deslocada da realidade histórica de seu país nos diferentes momentos históricos, mesclando experiência, observação e expectativas.

A partir desses dados, os uruguaios demonstram fé em uma política democrática, contudo, pouco otimismo que seus vetores econômicos e sociais venham a atingir melhores níveis. Pode-se dizer que o Uruguai reside no meio termo entre brasileiros e argentinos sobre o futuro do país. Para Bittencourt:

No contexto internacional o desempenho econômico uruguaio a longo prazo merece uma classificação muito negativa. Devemos estranhar que muitos uruguaios, em particular jovens, não acreditam no país e emigram? Os nascidos na década de sessenta e as gerações posteriores não chegaram a conhecer a sensação de viver com relativa segurança econômica. Com essa experiência de paradas ou movimentos espasmódicos, crescimentos econômicos muitas vezes significativos são seguidos por abruptas recessões, a imagem de que o país caminha sem rumo, sem perspectivas

claras de desenvolvimento, silenciou muito a sociedade. [traduzido do espanhol], (BITTENCOURT, 2003, p.1).⁶

Infere-se que os uruguaios em alternativas mais diretas identificam os problemas socioeconômicos do passado do país, contudo, em opções mais genéricas ou que dependem de associação com os diversos setores da sociedade, há uma maior timidez, turvando a visão dos alunos participantes sobre os entraves e dilemas sociais.

A última questão analisada neste artigo foca, principalmente, a noção do “eu”. Desse modo, tem-se a possibilidade de comparar se há distinções entre a visão de futuro para a nação e para o indivíduo, as articulações entre representações de si e da coletividade a que pertencem, em função do tempo.

Quadro 3. Como você acha que será A SUA VIDA daqui a 40 anos?

País		Terei um trabalho prazeroso	Terei uma família feliz e harmoniosa	Terei bons amigos	Terei rendimentos elevados	Terei liberdade política e individual	Participarei da vida política	Terei tempo livre para participar de atividades interessantes e lazer
Argentina	Válidos	528	528	529	524	523	515	527
	Número de casos Não-válidos	7	7	6	11	12	20	8
	Média	,70	,83	1,11	,62	,64	-,45	,43
	Moda	0	1	1	0	0	-1	0
Brasil	Válidos	735	736	734	732	730	729	727
	Número de casos Não-válidos	9	8	10	12	14	15	17
	Média	,99	1,16	1,13	,78	,52	,02	,68
	Moda	1	2	1	1	1	0	1

⁶ En el contexto internacional el desempeño económico uruguayo de largo plazo merece una calificación muy negativa. ¿Debe extrañarnos que muchos uruguayos, en particular jóvenes, no crean en el país y emigren? Los nacidos en la década del sesenta y las generaciones posteriores no hemos llegado a conocer la sensación de vivir con relativa seguridad económica. Luego de esa experiencia de estancamientos o movimientos espasmódicos, crecimientos muchas veces significativos pero siempre seguidos de abruptas caídas, la imagen de que el país camina sin rumbo, sin perspectivas claras de desarrollo, tiene que haber calado muy hondo en toda la sociedad. (BITTENCOURT, 2003, p. 1).

Uruguai	Válidos	176	176	175	174	175	159	170
	Número de casos							
	Não-válidos	18	18	19	20	19	35	24
	Média	,83	,85	1,10	,72	,72	-,31	,42
	Moda	1	1	1	0	1	-2	0

Fonte: dados obtidos a partir do projeto “Jovens diante da História”.

Nesse grupo de respostas, um olhar sobre as modas indica que, das vinte e uma existentes, a maioria (doze) indica concordância (respostas 1 ou 2) e sete indicam neutralidade (0), ao passo que apenas duas apontam para a discordância (-1 e -2). Como todos os enunciados se referem a expectativas positivas, o que se pode verificar é que predomina uma visão bem mais positiva quanto ao futuro individual dos respondentes que quanto ao futuro coletivo por eles estimado. O único ponto que obteve índice negativo (embora neutro, na média brasileira) é o de participação política, fator esse, aliás, que está entranhado no passado dos países platinos, pois a histórica exclusão da população da esfera política ainda se faz presente e, como sugere a questão, em seu futuro, possivelmente, também estará.

“**A liberdade política e individual**” atingiu valor positivo, contudo, abaixo dos demais itens. Ainda assim, pode-se considerar um avanço na representação dos futuros cidadãos e eleitores do Brasil, Argentina e Uruguai, pois, conforme o exposto no parágrafo acima, a fragilidade histórica e contemporânea da base política dos países estudados torna-se um fator conhecido pela e para a sociedade.

As imposições do relógio e o incessante ritmo de vida das grandes cidades e, até mesmo, nas de médio porte (BARBERO, 1999), projetam as representações dos alunos para uma vida futura “**sem tempo para o lazer**”, conforme evidenciam os dados. Nesse sentido, com um índice um pouco mais elevado, a noção de “**rendimentos elevados**” pode ser considerada de média expectativa por parte dos pesquisados, principalmente quando comparada às alternativas com maior grau de recorrência. Todavia, não se pode analisar o tempo para o lazer e os rendimentos elevados de forma deslocada da realidade cotidiana nas esferas política, econômica e social dos três países platinos, afinal, a percepção que os jovens possuem do

presente em que vivem e suas redes de sociabilidade contribuem, sensivelmente, para tais projeções futuras. As bases materiais disponíveis em suas experiências de vida condicionam, em grande medida, o que esperar para os próximos 40 anos.

O fato, no mínimo curioso, é que a alternativa “**terei um trabalho prazeroso**” foi uma das mais buscadas; dessa forma, por mais que não se tenha tempo para o lazer e a confiança em rendimentos muito elevados, o valor trabalho/prazer é almejado pelos alunos. Certamente, se não há esperança em horários de lazer, que estes estejam presentes no próprio trabalho.

As alternativas que abordavam aspectos de foro íntimo, correlacionados aos relacionamentos, obtiveram os maiores índices por parte dos alunos, ou seja: ter uma “**família harmoniosa e bons amigos**”. Não por coincidência, família e amigos aparecem em outras partes dessa pesquisa no topo da hierarquia de valores dos respondentes.

Segundo Bauman (2005), o mundo da pós-modernidade retira dos cidadãos as instituições que lhe davam segurança, dentre elas a família e a rede de amizades. Desse modo, a constante frequência dessas instituições na escolha dos alunos pode indicar reflexos na busca pela direção de uma (re) consolidação de referenciais seguros diante de múltiplos desafios à construção das identidades pessoais e coletivas.

Na análise individual por países, os números não variam de forma brusca, exceto no que se refere à expectativa de participar da vida política: a moda, nos países platinos, é negativa, enquanto no Brasil é neutra, o mesmo ocorrendo com a média, na qual fica claro que a rejeição nesse item é ainda maior na Argentina. Destarte, a ordem das preferências e anseios manteve-se rigorosamente a mesma que da média geral, fazendo com isso que não ocorram oscilações significativas.

A expectativa por um trabalho prazeroso e horas de lazer no Uruguai apresentam índices mais elevados que nos participantes dos outros países. Dessa forma, pressupõe-se um estilo de vida que anseia por maiores espaços de divertimento, forma distintiva das linhas econômicas do sistema neoliberal. Nesse sentido, a busca por uma família harmoniosa e amigos também obtiveram os maiores valores, vindo a embasar as considerações de que os uruguayos ainda

preconizam ou têm esperanças em um *modus vivendi* diferenciado, diga-se, uma segunda via cotidiana.

A presente questão analisada traz à baila os momentos híbridos de permanências e rupturas nas sociedades latino-americanas e analisando-as em conjunto com as outras indagações apresentadas por essa pesquisa, denotam os anseios e inseguranças dos adolescentes brasileiros, uruguaios e argentinos. Fatores esses que perpassam pela história que lhes contam na escola, na família e, mais amplamente, na sociedade sobre o passado de sua nação, os seus anseios do presente e as expectativas para o futuro. De acordo com Canclini:

Hoje, concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. Para repensar esta heterogeneidade é útil a reflexão anti-evolucionista do pós-modernismo, mais radical que qualquer outra. (CANCLINI, 1997, p. 28).

Em um último momento desse estudo, a título sintetizador, analisa-se uma tabela em particular sobre a concepção dos alunos do Brasil, Uruguai e Argentina sobre a participação política. Pode-se apreender tanto a questão temporal da consciência histórica quanto focar em um dos pontos mais controversos a noção de “cultura política”, no aspecto da expectativa de participação futura, por parte dos alunos.

Quadro 4. “Participarei da vida política”.

País			Frequência	Percentual Válido
Argentina		muito dificilmente	115	22,3
		Dificilmente	161	31,3
		talvez	129	25,0
		provavelmente	61	11,8
		muito provavelmente	49	9,5
		Total	515	100,0
		Não-válidos	20	
Total			535	
Brasil	Valid	muito dificilmente	122	16,7
		dificilmente	133	18,2
		talvez	204	28,0
		provavelmente	148	20,3
		muito provavelmente	122	16,7
		Total	729	100,0
		Não-válidos	15	
Total			744	
Uruguai	Valid	muito dificilmente	41	25,8
		dificilmente	35	22,0
		talvez	36	22,6
		provavelmente	27	17,0
		muito provavelmente	20	12,6

Total	159	100,0
Não-válidos	35	
Total	194	

Fonte: dados obtidos a partir do projeto “Jovens diante da História”.

Os jovens argentinos, a partir de suas respostas, explicitaram um latente pessimismo sobre sua futura participação na esfera política do país, pois as alternativas “muito dificilmente” e “dificilmente” alcançaram, aproximadamente, 53% de recorrência. Em sentido próximo, a opção “talvez” obteve 25% de escolha, ou seja, somando os dois vetores tem-se o número de 78% de adolescentes argentinos pouco confiantes em uma cultura democrática e participativa que agregue em seu seio esses futuros adultos. Os alunos uruguaios apontaram como eixo preponderante de suas respostas o descrédito sobre o futuro de participação na vida política do país, de forma muito semelhante ao que se constatou com os argentinos. Desse modo, as alternativas “muito dificilmente”, “dificilmente” e “talvez” totalizou um pouco mais de 70% das escolhas desses jovens. Por fim, os jovens brasileiros, diferentemente dos argentinos e uruguaios, apresentaram em suas escolhas uma concepção de participação na vida política que caminha da dúvida para o otimismo de ingresso em tal esfera.

A configuração verificada pode ser visualizada também nos histogramas da Figura 5, que permite vislumbrar as curvas de distribuição em cada uma das amostras por país. Aqui fica claro que a curva da amostra brasileira representa praticamente uma curva de distribuição normal (valores centrais com maior frequência, seguidos por valores intermediários com frequência intermediária e valores extremos com menor frequência). A distribuição das amostras argentina e uruguaia indicam uma “distorção” da curva normal para a esquerda, indicando uma prevalência dos valores negativos, principalmente no caso uruguaio.

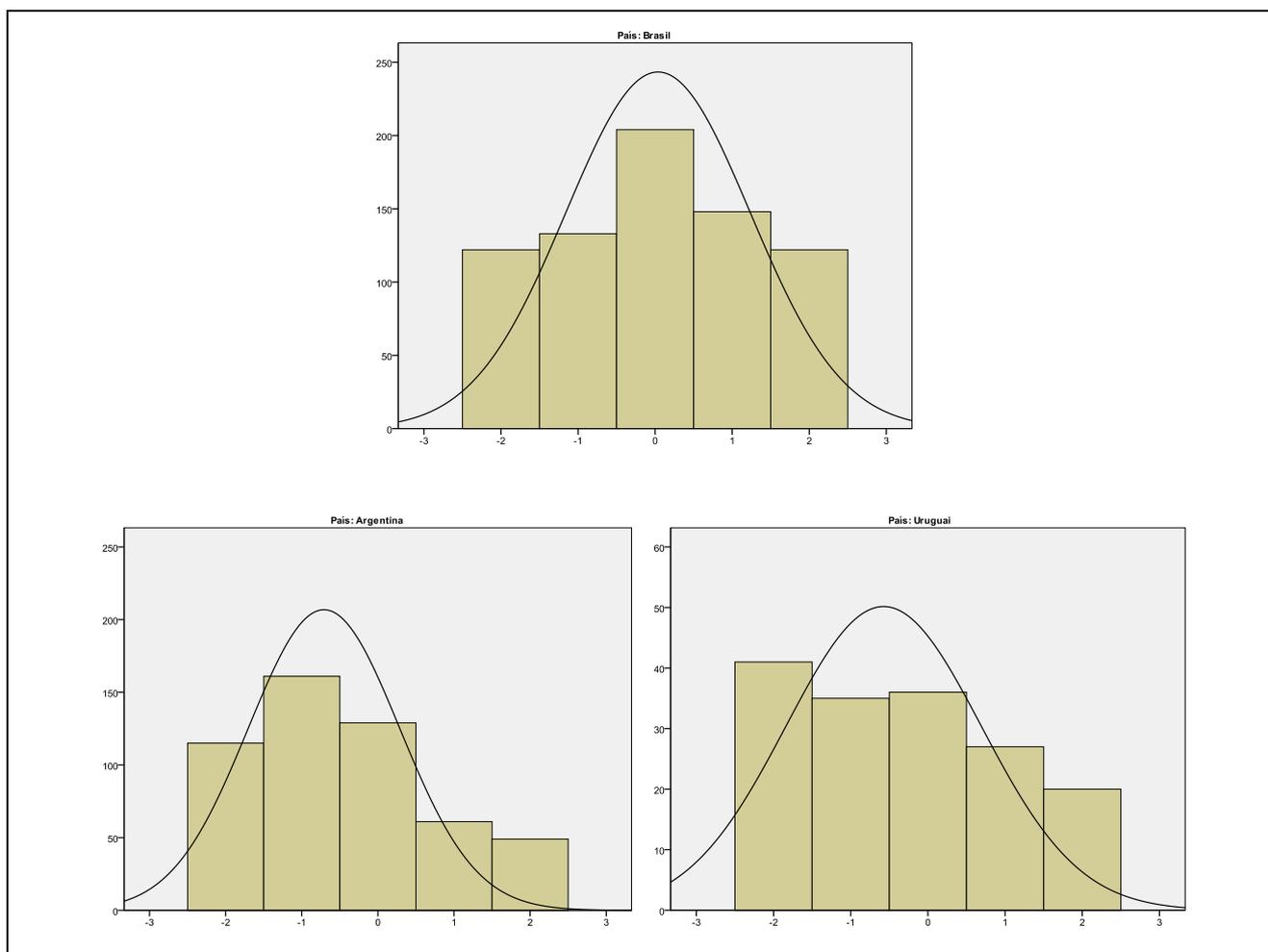


Figura 1. Histogramas por país das avaliações quanto à alternativa “Participarei da vida política” *

Fonte: dados obtidos a partir do projeto “Jovens diante da História”.

* O eixo y indica o número de casos e o x traz a escala utilizada na resposta que vai de -2 (muito dificilmente) a 2 (muito provavelmente).

Esses dados indicam que a distribuição de respostas, no caso do Brasil, é a esperada, ou seja, o maior número de respondentes tende a optar pela alternativa intermediária, e assim por diante. Mas o que significa, no campo específico das experiências e expectativas em relação ao tempo, a opção intermediária “talvez”? Imaginamos que ela denote a intensificação dos sentimentos e concepções contraditórias, dessa forma, a noção de cultura política dos jovens sul-americanos também se encontra em um espaço de transição, notadamente, oscilante.

Essa alternativa “talvez” foi a mais buscada por argentinos e brasileiros e ficou na segunda posição para uruguaios. Estamos falando de uma projeção para o futuro, que necessariamente se ancora nas experiências pregressas e atuais. Rösen

colabora para a discussão quando reflete sobre a temporalidade histórica da seguinte forma:

A consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado. A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro. Se os historiadores vierem a perceber a conexão essencial entre as três dimensões do tempo na estrutura da consciência histórica, eles podem evitar o preconceito acadêmico amplamente aceito de que a história lida unicamente com o passado: não há nada a se fazer com os problemas do presente e ainda menos com os do futuro. (RUSEN, 2006, p. 16).

Não se pode cravar na análise que as chagas de um passado colonial e constantemente ditatorial venham sendo superadas. Por outro lado, o presente e, principalmente, as projeções para o futuro anunciam espectros de participação política, mesmo que sejam expressas na forma da dúvida, isto é, do “talvez”. Além do mais, não se pode olvidar que a questão econômica do país, sua solidez ou não, seu posicionamento no mercado internacional, entre outros fatores, tende a corroborar a visão desses jovens quando o assunto é a participação política. A distribuição mais próxima do normal no caso das respostas brasileiras pode resultar de uma confiança maior nas instituições políticas. Essa confiança, por sua vez, pode derivar de uma percepção equivocada, visto que, na cultura política brasileira, a transição política pelo alto e o “ponto final” nos conflitos do passado (a exemplo da Lei da Anistia, de 1979) fornecem uma imagem pouco conflituosa da vida política. Por outro lado, os debates e juízos frequentes na Argentina nos governos dos Kirchner e no Uruguai nos governos de *Frente Amplio* sobre as respectivas ditaduras constroem uma representação mais conflituosa da vida política e de relativa fragilidade da democracia. Assim, a maior tendência dos brasileiros a imaginar-se participando da vida política no futuro deve ser relativizada. Em todos os casos, esses resultados demandam mais pesquisas com os jovens, sobretudo com estratégias qualitativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões trazidas à baila na pesquisa aqui relatada explicitam uma série de leituras e possibilidades sobre as representações de passado, presente e futuro do Brasil, Argentina e Uruguai a partir da participação dos jovens com 15 anos de idade. Desse modo, a linha de análise aqui apresentada corresponde a um caminho entre tantos possíveis.

Os fatores como política, economia, cultura, entre outros, tornam-se campos que são influenciados pelo contexto social e temporal (passado, presente e futuro) tal qual pôde ser observado nas representações de anseios e expectativas dos participantes. A partir de assuntos que estão em voga na sociedade, relatos de familiares e as próprias concepções desses alunos é que se pôde apreender as cicatrizes históricas, os dilemas do presente, as representações sobre o individual e o coletivo, o panorama que imaginam para os próximos 40 anos.

Necessariamente, conforme foi visualizado na análise dos dados, brasileiros, argentinos e uruguaios apresentam suas peculiaridades, todavia, algumas situações e panoramas gerais podem ser apreendidos, decorrentes de um passado em comum e de fatores aproximados à contemporaneidade.

Infere-se, nitidamente, que os alunos participantes, em maior ou menor grau, demonstram insegurança sobre questões democráticas e, mais amplamente, políticas, pois, as chagas militares e a tradição de exclusão da população nas altas esferas do poder ainda refletem em seus pensamentos. Dessa forma, as respostas oscilaram entre a esperança de um futuro harmônico politicamente com traumas de um passado recente e, até mesmo, de um presente ressabiado.

Economicamente, de modo geral, o pessimismo é maior, afinal, a dependência externa e o histórico de países exportadores, associado às sazonais crises econômicas, invadem as representações desses alunos. Os ciclos assimétricos de desenvolvimento/crise econômica carregam consigo uma bagagem de incertezas, as quais não se modificaram em um mundo globalizado que une e fragmenta, aproxima e segmenta.

As questões que envolvem noções de presente e futuro, isto é, poluição, globalização, emprego, ritmo social, entre outras, podem ser compreendidas como um espaço de esperança por um trabalho prazeroso, por mais que a expectativa de bons rendimentos tenha sido baixa. Assuntos rotineiramente veiculados pela mídia

(por exemplo, poluição) também ganharam destaque nas respostas dos alunos, em outros termos, o futuro aguarda e guarda permanências e rupturas, claramente embasadas em seus discursos.

Apreende-se, de forma ampla e em linhas gerais, a concepção de um passado marcado por ditaduras, desgaste político e crises econômicas; um presente inseguro, em que os sujeitos ainda não encontraram um lugar marcante na esfera social; e um futuro que trafega da esperança ao descrédito. Individualmente, tempos de trabalho e de reencontro com instituições que, no presente, não estão na “moda”, como família e amigos. Em síntese, a complexidade da contemporaneidade agregada aos traumas latino-americanos explicita um panorama em transição, cuja postura ainda não se pode concluir: a permanência nos fantasmas do passado ou ida para um futuro esperançoso?

JONATHAN DE OLIVEIRA MOLAR

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduado em História e em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Colegiado de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

LUÍS FERNANDO CERRI

Doutor em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutor em Educação pela *Universidad Nacional de La Plata* (UNLP-ARG). Graduado em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

REFERÊNCIAS

ABREU, M; SOIHET, R; GONTIJO, R. (Orgs.). **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2007.

ANGVIK, M; BORRIES, B. **Youth and History**. A comparative european survey on historical consciousness and political attitudes among adolescents. Hamburg: Körber-Stiftung; Heinrich-Heine-Buchh, 1997.

ANJOS, Maria A. dos; FARAH JR., Moisés. Economia brasileira. São Paulo, **Coleção Gestão Empresarial**, 2001.

BARBERO, J. M. **Globalización y multiculturalidad: notas para una agenda de investigación**, Bogotá: Tercer Mundo, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BITTENCOURT, G. **Escenarios para la economía uruguaya en las próximas dos décadas: una aproximación**. Montevideu: Universidad de La Republica, 2003.

BORBA, J. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. XI, nº 1, Março, 2005, p. 147-168.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO, O. Para uma definição de Didática da História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, n. 55, 2008, p. 153-170.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 6, n.2, p. 93-112, Inverno, 2001.

FLORES, E. C. Dos feitos e dos ditos: História e cultura histórica. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, n. 16, p. 83-102, jan./jun. 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.

HUNTINGTON, S. P. **O choque de civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MOISÉS, J. A. Democratização e cultura política de massas no Brasil. **Lua Nova**. São Paulo, nº 26, 1992, p. 5 - 51.

POUTIGNAT, P. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

RAPOPORT, M. Mitos, etapas y crisis en la economía argentina. **Nación, Región, Provincia en Argentina**. Buenos Aires, n. 1, 2007.

RENAN, E. **Qu'est ce qu'une nation?** Paris: Mille et Une Nuits, 1998. (Conferência realizada na Sorbonne em 11/03/1882).

RÜSEN, J. **Razão Histórica - Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

_____. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7 – 16, jul./dez., 2006.

SIDEKUM, A. **Ética e alteridade: a subjetividade ferida**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.